

Jogo Mortal Saúde

Há uma lógica infernal no caso dos médicos que fizeram gazeta no plantão do Hospital Albert Schweitzer, domingo, quando duas pessoas morreram por falta de atendimento. A morte de outro paciente, retirado do mesmo hospital, ontem, por falta de atendimento, reitera o raciocínio. Os hospitais brasileiros são lugares perigosos.

A equipe de médicos, que já faltara ao plantão no Natal e na passagem de ano, alega que não compareceu ao terceiro plantão porque pediu demissão em setembro. Ora, se os médicos se demitiram em setembro e aguardavam, de braços cruzados, o ato de demissão, como se explica que tenham sido colocados no plantão novamente? Quem faz a escala? Que responsabilidade tem a diretora do hospital? O secretário estadual de Saúde sabia que as escalas eram feitas para inglês ver? Como aceitar a alegação dos médicos de que não deviam ser escalados... pela terceira vez? A verdade é que o hospital enfrentou um domingo inteiro de funcionamento absolutamente sem médicos — coisa difícil de aceitar.

O Sindicato dos Médicos e o próprio secretário de Saúde, um justificando os faltosos e o outro reconhecendo que o problema da escalação não pode ser resolvido logo, estão na verdade armando a premissa do silogismo que resultará em impunidade, se ninguém reclamar. A cidadania, no entanto, tal como

afirmou o governador Marcello Alencar, exige “investigação das faltas até as últimas conseqüências”.

Enquanto os médicos, borboleteando de hospital em hospital e contando com a conivência dos colegas, continuarem impunes das trapalhadas que, na sua profissão, resultam sempre em tragédia, nunca se poderá falar em ética, responsabilidade, respeito à vida. Por trás da teia de desculpas armada pelos médicos no caso do Hospital Albert Schweitzer se escondem todos os vícios do serviço público, não só em relação à saúde, mas também ao ensino, à administração pública e a tudo que diz respeito à relação entre funcionalismo e população.

A ética médica hoje em dia cuida mais da organização profissional e da conduta do médico com seus colegas do que da conduta do médico com o doente. Nos hospitais públicos, há sérios problemas de gerência e não há ninguém, na esfera corporativista, que cobre efetivo exercício da profissão e do contrato de trabalho.

Enquanto ninguém der um soco na mesa e acabar com o mortal jogo de empurra no setor da saúde, os brasileiros continuarão a perecer como moscas nas portas dos hospitais, incapazes de entrar neles, ou então incapazes de sair deles com vida. Chega de panos quentes.

JORNAL DO Povo